

ANÁLISE DO DESEMPENHO SOCIAL E DA INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

ANALYSIS OF SOCIAL PERFORMANCE AND INCLUSION OF STUDENTS WITH DISABILITIES IN THE LESSONS OF PHYSICAL EDUCATION

Gabriela Gallucci Tolo

Alan William de Souza

Thiago Henrique Ferreira De Souza

Centro Universitário de Adamantina – São Paulo

Resumo

A inclusão vem sendo um assunto muito discutido hoje em dia na sociedade, e principalmente na escola, pelo fato de ainda haver exclusão social em alguns ambientes escolares. Nota-se que crianças que ainda não tiveram experiência com pessoas deficientes manifestam, muitas vezes, reações excludentes decorrente da falta de informação vindo do ambiente fora da escola. Durante as aulas de educação física, os professores podem ter um papel fundamental e facilitador na socialização de alunos com e sem deficiência através da flexibilidade de estruturação e desenvolvimento dos conteúdos e estratégias das aulas. Para tal, o presente estudo visou analisar o cotidiano de alunos com diversos tipos de deficiência nas aulas de Educação Física, enfatizando o convívio social com os demais alunos da sala e com o professor de Educação Física, assim como a inclusão relacionada as atividades proporcionadas nas aulas. A busca pelos resultados se deu por meio de filmagens, relatórios de observação (caderno de conteúdo) e a aplicação de um questionário distribuído aos alunos sem deficiência sobre o aluno com deficiência. Na fase final compararam-se as imagens com as respostas dos questionários. Os resultados obtidos evidenciaram que o aluno com Síndrome de Down é mais participativo nas aulas de Educação Física que os outros alunos com outros tipos de deficiência e que a inclusão do aluno com deficiência física é menos praticada tanto pelo professor quando pelos alunos presentes nesse estudo. Porém, pode-se concluir que o processo de inclusão e o desempenho social dos alunos deficientes junto às aulas de educação física, mostraram-se diferentes para cada tipo de deficiência. Entretanto, de um modo geral pode-se perceber muitas ações de desempenho e inclusão social durante as aulas de educação físicas, inclusive providas voluntariamente e espontaneamente pelos colegas dos alunos com deficiência.

Palavras-Chaves: Educação Física. Deficiente. Socialização. Inclusão. Escola.

Abstract

The Inclusion has been a subject much discussed nowadays in society mainly in the school, due to the fact that there is still social exclusion in some school environments. Children who have not yet had experience with disabled people manifest an exclusive reaction due to the lack of information coming from the environment outside the school. Physical Education teachers can play a fundamental role in the socialization of students with and without disabilities through classes. The present study aimed to analyze the daily life of students with different types of disabilities in Physical Education classes, emphasizing social interaction with other students in the classroom and with the Physical Education teacher, as well as the inclusion related to the activities provided in the classes. The search for the results was through filming, observation reports and the application of a questionnaire distributed to the students without deficient. In the final phase the images were compared with the questionnaire responses. The

results showed that the student with Down Syndrome is more participatory in Physical Education classes and that the inclusion of the student with physical disability is less participative, both mentioned and analyzed by the teacher and by the students without disabilities. However, it can be concluded that the inclusion process and the social performance of the disabled students in the physical education classes were different depending of each type of disability. However, in general, many actions of social inclusion can be perceived during physical education classes, including those actions become voluntarily and spontaneous by the students towards student's with disability.

Keywords: Physical Education. Deficient. Socialization. Inclusion. School.

1 Introdução

Quando refletimos sobre o processo de inclusão dentro do contexto da sociedade contemporânea, remetemos a lembrança de que a sociedade em todas as culturas atravessou diversas fases, principalmente no que se refere às práticas sociais. Começou praticando a exclusão social, onde as pessoas com deficiência¹ eram excluídas da sociedade, porque eram consideradas inválidas, sem utilidades e incapazes de trabalhar, características estas atribuídas dentro da sociedade (SASSAKI, 1997).

No entanto, o preconceito, o estigma, e a discriminação, ainda são muito fortes em relação aos indivíduos deficientes. Sendo, evidente a dificuldade das pessoas consideradas “normais”, ou melhor, daquelas que não possuem alguma deficiência, em aceitar, conviver e interagir com pessoas com algum tipo de deficiência. Muitos conhecem apenas os limites, mas poucos sabem sobre as potencialidades de um indivíduo deficiente (TESSARO, 2005). Para que haja a inclusão de alunos com deficiência nas escolas, é necessário que se pense na organização e gestão do sistema educativo e das escolas em geral, quanto a necessidade de um currículo global e flexível, recursos contínuos, diagnóstico sistemático e adequado as necessidades de cada aluno, equipes multidisciplinares de apoio ao professor, apoio apropriado aos professores desses alunos (MAUERBERG-de CASTRO, 2005). Em contrapartida, a Educação Física pode ser considerada como um dos meios mais propícios para que o aluno com deficiência pratique a inclusão e aumente seu repertório de movimentos. Através das aulas oferecidas no sistema regular de ensino, professores podem buscar ações de inclusão dos alunos deficientes junto aos seus pares, embora, muitas vezes, ainda encontramos esses alunos sendo dispensados das aulas de educação física. Modificar, adaptar, elaborar estratégias junto aos objetivos da aula de Educação Física, para incluir o aluno com deficiência, é uma das disciplinas dos cursos de Educação Física, que geralmente, tem o nome de Educação Física Adaptada. De acordo com Sherril (1998), a Educação Física Adaptada e o termo “guarda-chuva” dos serviços que promovem a saúde, buscando estilo de vida ativo, reabilitando funções deficientes, focando nas possibilidades e promovendo

¹ Ao escrever propositalmente a palavra deficiência como deficiência por todo o texto, quero ilustrar que escrevo assim como vejo essas pessoas e como trabalho com elas, enfocando no desenvolvimento e em suas Eficiências e não em suas dEficiências.

inclusão. Segundo Winnick (2003), a palavra adaptar tem o sentido de ajustar ou modificar todo e qualquer tipo de atividades as necessidades de cada indivíduo. Para Mauerberg-de Castro (2005), os objetivos trazidos junto à atividade física adaptada são a utilização de fundamentos teórico-práticos das disciplinas sobre a motricidade humana, e as áreas relacionadas com a saúde e a educação. Sendo assim, a Educação Física Adaptada permite uma participação segura do aluno nas atividades suprindo as suas necessidades especiais. Em geral, a Educação Física Adaptada tem o objetivo, de em longo prazo, melhorar o desenvolvimento geral do aluno (WINNICK, 2003). Junto à Educação Física, o importante é que haja primeiro um contato direto dos professores com pessoas com deficiência, e que a partir daí, possam buscar soluções para cada dificuldade que surgir, respeitando as necessidades e possibilidades individuais (SASSAKI, 1997). Sendo a inclusão considerada uma proposta pedagógica que depende muito de esforços para recepcionar o aluno com deficiência (MAUERBERG-de CASTRO, 2005). Segundo Ribeiro (2009), a sociedade vem melhorando, e está buscando diminuir ações de exclusão, assim pessoas com deficiência já estão tendo acessos fáceis e legais à sociedade como no mercado de trabalho, nas escolas e em atividades de lazer. No contexto escolar, promover a independência dos alunos é parte fundamental para que as mesmas oportunidades sejam oferecidas a todos, a atitude do professor é um fator determinante para que o aluno deficiente seja incluído e se adapte às diversas necessidades que lhes serão impostas (CRAFT, LIEBERMAN, 2003). O papel da educação física no trabalho com alunos com deficiência vem aumentando, e a Educação Física Inclusiva é um fator importante no desenvolvimento corporal do indivíduo, aprimorando suas capacidades motoras, afetivas, sociais e cognitivas (MOTTA; BARBOSA; BRANCATTI, 2003). Professores de Educação Física podem ter papel fundamental na socialização de alunos com e sem deficiência. Sendo assim, o presente estudo visou analisar o cotidiano de alunos com diferentes deficiências nas aulas de Educação Física, focando no convívio e desempenho social com os demais alunos e com o professor, visando à inclusão social nas aulas.

2 Método

Para a realização do estudo foi selecionadas três escolas municipais da cidade de Osvaldo Cruz, SP, que trabalhavam no contexto da inclusão. Dentre estas escolas, optou-se por analisar somente as aulas de educação física que tinham alunos com deficiência. A coleta de dados foi então distribuída por diferentes tipos de deficiência e da seguinte forma.

- Uma sala do 5º ano com um (1) aluno Deficiente Intelectual (DI- Síndrome de Down) - Escola A - Sujeito 1 = S1

- Uma sala do 7º ano com um (1) aluno Deficiente Visual (DV) - Escola B - Sujeito 2 = S2

- Uma sala do 5º ano com um (1) aluno Deficiente Auditivo (DA) - Escola C - Sujeito 3 = S3

- Uma sala do 1º ano do Ensino Médio com um (1) aluno Deficiente Físico (DF) - Escola C - Sujeito 4 = S4

O projeto foi entregue aos diretores das escolas, com um pedido de permissão para a execução do estudo. O termo de consentimento livre e esclarecido foi entregue aos alunos, pais e ou responsáveis, junto com informações sobre os objetivos do estudo.

Os materiais e procedimentos utilizados para a coleta de dados foram: uma filmadora, um caderno de campo, e um questionário fechado e estruturado. As filmagens foram realizadas durante as aulas de Educação Física no período de dois meses; do início de setembro até final de outubro de 2017. O questionário foi validado por três especialistas na área e entregue aos alunos, colegas de classe dos quatro alunos com deficiência. O procedimento para a coleta de dados por meio do questionário se deu através da entrega do instrumento para 66 alunos, durante atividades de sala de aula. Foram disponibilizados 20 minutos para os alunos responderem as questões, e o questionário foi devolvido aos pesquisadores no mesmo dia. Concomitantemente a entrega do questionário foi feita as filmagens, durante o período de dois meses foram filmadas e observadas seis aulas para cada aluno com deficiência, tais aulas foram nomeadas de encontros. Os procedimentos para a coleta de dados por meio das filmagens foram realizados através de uma filmadora manual, onde um dos pesquisadores ficava atendo as ações que envolviam o aluno com deficiência. As aulas não foram filmadas por inteiro, assim o resultado da coleta das imagens obteve um total de 05h:58m:37s. Na mesma aula, o outro pesquisador, ficava sentado em um outro ponto estratégico para analisar e anotar junto ao caderno de campo as observações relacionadas as ações dos alunos e professor junto ao aluno com deficiência e suas interações de um modo geral durante as aulas de Educação Física.

3 Resultados e discussão

Na Escola A - 24 alunos responderam o questionário referente ao relacionamento com o aluno DI. Na Escola B - 17 alunos responderam sobre as questões relacionadas ao aluno com DV. Na Escola C - foram 12 alunos questionados em relação ao aluno com DA, e 13 alunos responderam as questões relacionadas ao colega com DF.

Através dos relatórios observados no caderno de campo e nas filmagens pode-se notar que:

Escola “A” (Aluno com Síndrome de Down- S1)

1º Encontro - S1 não compareceu a aula

2º Encontro - Observou que no alongamento o S1 não teve dificuldade nenhuma para alongar-se, o professor apresentou muita facilidade para lidar com S1, e dirigiu-se a ele com bastante clareza, S1 entende muito bem o que o professor queria que fosse feito. Na brincadeira de pega-pega, S1 mostrou capacidade boa em relação ao desenvolvimento motor, S1 corre o tempo todo. Em um exercício específico de futsal, S1 executou o chute a gol sem problemas e de maneira natural, com dificuldades mínimas, depois observamos que no jogo coletivo, S1 não recebe muito a bola dos outros alunos, S1 evita bastante o contato físico, mas, se locomove naturalmente.

3º Encontro - No alongamento, S1 se saiu super bem sem demonstrar dificuldade, depois num jogo de queima, S1 ficou bastante escondido, desviando-se da bola, com o tempo S1 foi se soltando, foi pegando mais a bola e foi arremessando. No jogo coletivo de handebol, S1 se mostrou bem tímido, não se apresenta com frequência, o professor o incentivou muito, S1 adora quando fica de ajudante do professor.

4º Encontro- não houve aula

5º Encontro - S1 não compareceu a aula

6º Encontro - S1 foi o último a ser escolhido pelos companheiros na formação dos times, em seguida em uma brincadeira de “tijolinho”, S1 se mostrou bem escondido, não participou muito diretamente da brincadeira, sendo o objetivo da brincadeira atravessar a quadra, S1 ficou mais parado, evitando tomar bolada.

Através dos relatórios e filmagens pode-se observar que S1 tem um relacionamento social ótimo com os alunos e com o professor. A inclusão na Escola “A” está sendo de certa forma bem executada. S1 está presente em todas as atividades com ou sem o estímulo do professor e se mostra, tendo mínimas dificuldades para executar as atividades durante as aulas de educação física observadas. Mas, vale salientar que em jogos competitivos, S1 se coloca em distanciamento com o grupo e apresenta timidez.

Escola “B” (Aluno com DEFiciência Visual – S2)

1º Encontro - S2 não compareceu a aula

2º Encontro - S2 estava presente, mas, o responsável pela instituição não autorizou as filmagens, alegando a ausência de coordenadores. OBS: os coordenadores não comparecem as aulas de Educação Física e tínhamos permissão prévia para fazer as filmagens.

3º Encontro - S2 não compareceu a aula novamente

4º Encontro - não houve aula, véspera de feriado

5º Encontro - No início da aula, S2 ficou um bom tempo sentado sozinho, isso pode ter sido devido a ausência do professor; algum tempo depois chegou outro professor de Educação Física, que estava trabalhando com outra classe. A partir daí, iniciaram a aula com exercícios de jogar e agarrar a bola, outro exercício de movimentação de tronco, em seguida uma caminhada. S2 teve dificuldade para compreender o que era para ser feito. Não recebeu muita instrução do professor, e os seus pares também não se preocuparam em auxiliar S2.

6º Encontro – S2 executou também exercícios de jogar e agarrar a bola, com alguns alunos e com o professor, com varias dificuldades na movimentação e bastante medo ao pegar a bola. Através da busca pela análise das imagens junto às aulas de Educação Física do S2, surgiu um grande questionamento entre os pesquisadores. Durante dois meses de aula, o aluno compareceu muito pouco as atividades escolares, então surgiu a indagação: como este aluno pode estar aprendendo? Isto pode estar evidenciando, até mesmo, que o aluno não tenha vínculos com o ambiente escolar. Notou-se por meio dos relatórios, que S2 frequenta pouco as aulas de Educação Física, verificou-se também que S2 tem muita dificuldade em executar as atividades, na maioria das vezes prefere ficar sentado, não gosta de fazer exercícios físicos, o relacionamento social com o professor é muito bom, apesar de demonstrar-se uma pessoa quieta, alguma vezes conversa bastante com os demais alunos, mas somente quando é procurado. Tem muita dificuldade em fundamentos, movimentação em quadra, o professor da turma o ajuda muito, mas às vezes, se esquece de ensina-lo.

Escola “C” (Aluno com DEficiência Auditiva - S3)

1º Encontro – S3 esteve presente, mas não foi autorizado fazer as filmagens, não ficamos sabendo exatamente por qual razão.

2º Encontro – S3 esteve ausente

3º Encontro - a aula ocorreu com um professor substituto, trabalharam-se alongamentos, aquecimentos e em seguida fundamentos de manchetes e toques do voleibol. Notou-se que o aluno S3 não tem conhecimento sobre os fundamentos do voleibol, apresentando grande dificuldade com o tempo de bola. O professor se mostrou confuso ao tentar dialogar com S3.

4º Encontro – o aluno S3 executou os alongamentos sem nenhuma dificuldade motora. Após, o professor apresentou e explicou uma brincadeira, onde pudemos notar que S3 não compreendeu absolutamente nada. Novamente, nos fundamentos com a bola, S3 teve muita dificuldade motora, o professor mostrou-se com dificuldades de estratégias de ensino com o aluno S3, inclusive, em vários momentos deixando-o de lado por alguns instantes.

5º Encontro - S3 não compareceu a aula.

6º Encontro - S3 não compareceu a aula

Percebeu-se que S3 tem um ótimo relacionamento com os seus pares. Em alguns momentos S3 não é muito aceito, sendo notória a exclusão de S3 dependendo da modalidade esportiva a ser praticada. Interessante salientar que, alguns alunos tem o aprendizado da linguagem de sinais (LIBRAS), principalmente por causa do intérprete, que ensina aos seus pares alguns sinais. S3 não tem nenhuma dificuldade motora para executar as atividades em aula, mas tem dificuldades com fundamentos esportivos ou até mesmo de compreensão sobre os fundamentos. Notou-se que o professor não acompanha e não incentiva S3 a realizar as atividades, evidenciando apresentar um pouco de dificuldades de lidar com a deficiência. O S3 prefere ficar brincando individualmente ou com alguns poucos alunos, nota-se que a inclusão social nestas situações observadas se mostra restrita a poucos momentos.

Escola “C” (Aluno com deficiência física - S4)

1º Encontro - S4 não compareceu a aula

2º Encontro - S4 não compareceu a aula

3º Encontro - o professor não realizou nenhuma atividade para S4, esclarecendo que preparou uma apresentação teórica para mostrar a S4 e aos seus pares. Os outros alunos participaram das atividades, mas, S4 não executou nenhuma atividade neste dia.

4º Encontro - a atividade de S4 foi voleibol com os demais alunos, sem a presença do professor, por conta própria, mesmo assim não participou muito, a aula que o professor prometeu não ocorreu.

5º Encontro - a aula foi com um professor substituto, S4 ficou só como árbitro de voleibol.

6º Encontro- O aluno não compareceu a aula

Durante as observações feitas nas aulas, ficou notório que S4 tem um ótimo relacionamento com os demais alunos e também com o professor, apesar da descrição dos encontros talvez mostrarem o oposto. No entanto, o que se pode perceber, é que S4 não é muito incentivado pelo professor a fazer as atividades físicas, durante as aulas observadas, o professor não executou nenhum exercício individualmente com S4, na verdade, S4 fez as atividades por conta própria, sem nenhum direcionamento ou acompanhamento do professor, mas, sempre tendo alguns de seus colegas de sala por perto.

As figuras a seguir são os resultados encontrados através do questionário.

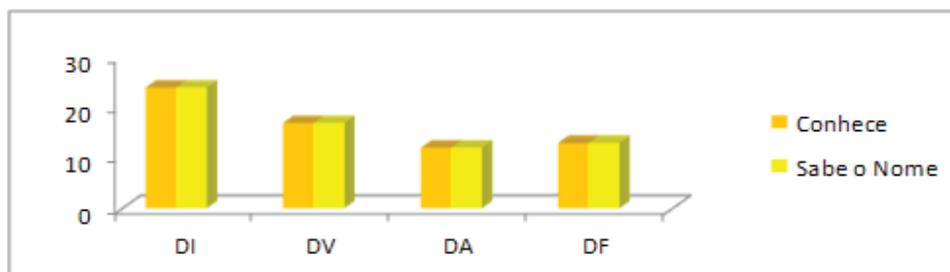


Figura 1 – Conhecer o aluno com dEficiência e saber seu nome.

Fonte: elaboração própria

A figura 1 demonstra que todos os 66 alunos questionados, sabem da existência do aluno com dEficiência em sala de aula, e também tem o conhecimento do nome desse aluno, ou seja, esses alunos com dEficiências não passam despercebidos, dentro do contexto de grupo escolar, fazem parte desta comunidade, e de certa forma, isto na verdade já era o esperado.

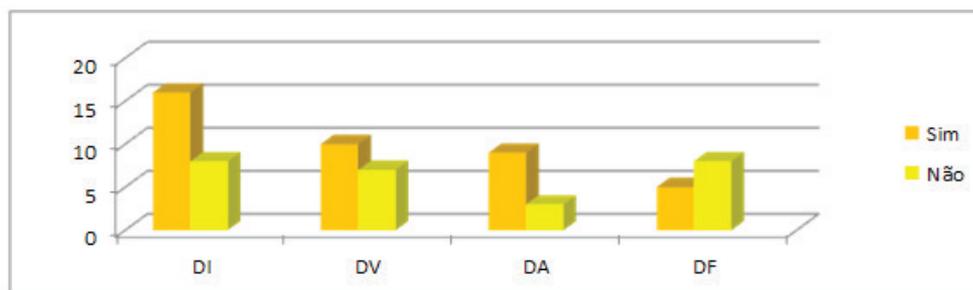


Figura 2 - Brincar com o aluno com deficiência nas horas livres de aula.

Fonte: elaboração própria

Através da Figura 2 pode-se verificar o relacionamento dos alunos com dEficiências com seus pares, para brincar nas horas livres de aula. Dezesseis alunos disseram que chamam o aluno com DI (S1) para brincar, oito alunos disseram que não chamam S1 para se relacionar nas horas livres. Na classe do S2, o aluno com DV, 10 alunos relataram que o chamam e sete outros que não brincam com S2 nas horas livres de aula. Na Classe do aluno DA (S3), nove alunos dizem que brincam com S3, e outros três alunos não tem a mesma atitude. Já o aluno com DF (S4), percebeu-se que apenas cinco colegas relataram chama-lo para realizar atividades livres, sendo que a maioria de oito colegas não se relaciona com o aluno que tem dEficiência nas horas livres. Podendo salientar maior evidencia de rejeição junto ao aluno DF nas horas livres da aula. Seguidos pelo DV, depois a metade dos alunos da Escola A gostam de brincar com a aluna S1 e a escola C a grande maioria brinca e se relaciona com S3. Se observar os

resultados de maneira geral, percebe-se que, um total de 66 alunos, 40 (60,6%) alunos tem ações positivas em relação aos alunos com algum tipo de dEficiência, quando se refere a brincar nas horas livres de aula. Por outro lado, 26 (39,4%) alunos não tem a mesma atitude. Pensando nesses números quando consideramos que quase 40% dos alunos sem dEficiência, simplesmente não tem ações de aproximação junto aos alunos com dEficiência no ambiente escolar, isso pode nos deixar indícios de falta de ações de inclusão social dentro da escola.

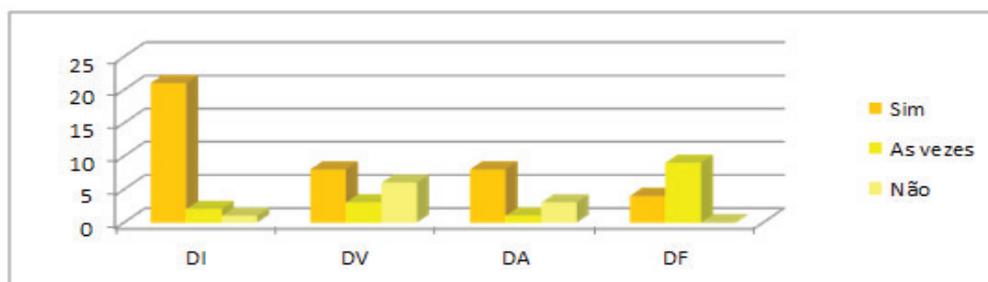


Figura 3- Ações de inclusão do aluno com deficiência realizadas pelo professor.

Fonte: elaboração própria

A Figura 3 buscou demonstrar, se na opinião dos alunos, o professor executa ações de inclusão junto ao aluno com deficiência nas atividades executadas em aula. Na classe do aluno DI (S1), 18 alunos relataram que o professor o inclui muito, quatro alunos relataram que somente às vezes, e dois colegas disseram que o professor nunca inclui o aluno nas atividades. Na sala do aluno DV (S2), oito alunos relataram que o aluno DV é incluído sempre nas atividades, três colegas relataram que somente às vezes, e seis alunos disseram que nunca o professor incluiu o aluno nas aulas. Na classe do aluno com DA (S3), oito alunos disseram que sempre o aluno DA é incluído nas atividades, um aluno relatou que somente as vezes S3 é incluído com ações vindas do professor, e três alunos relataram que nunca o aluno DA é incluído. Na sala do aluno DF, quatro alunos relataram que sempre o aluno é incluído nas atividades, nove alunos relataram que somente às vezes o S4 é incluído nas atividades de aula, e nenhum aluno relatou que o aluno DF não é incluído. Pode-se analisar que na opinião dos pares dos alunos com dEficiência, na maioria dos casos os alunos com dEficiência são bem incluídos pelos professores. Na escola A, na escola B, e na escola C com maior índice, foi relatado pelos alunos que os professores promovem ações para incluir os alunos com dEficiência nas aulas de educação física. No entanto, a classe do aluno DF, mais da metade dos alunos relataram que somente às vezes o aluno é incluído nas aulas, isto pode ser devido a falta de interesse do aluno, ou por falta de planejamento utilizados pelo professor. Se for correlacionar os dados do questionário com as filmagens pode-se perceber que o planejamento do professor ficou a desejar junto as aulas do S4. Se analisar-se esta figura no contexto total dos 66 alunos, nota-se que 41 (62,1%),

alunos disseram que o professor inclui, ou promoveu ações de inclusão junto ao aluno deficiente nas aulas de educação física. Contudo, 25 (37,9%) alunos relataram que o professor nunca proporcionou nenhuma situação de atuação voltada a inclusão dos alunos com dEficiência. Ou seja, quase 38% dos alunos, afirmaram que os professores não propiciam a inclusão. Como podemos então tentar mudar a concepção dos alunos para serem melhores cidadãos e refletirem sobre as diferenças, se o exemplo dos professores em muitos casos se mostra imperceptível e inexistente. Apesar de que, uma grande maioria dos alunos afirma vivenciar ações de inclusão. As figuras seguintes foram analisadas e discutidas em um âmbito geral, sem dividir pelo tipo de dEficiência dos alunos. Tendo então, as figuras sendo elaborados com um total de 66 alunos, das quatro salas de aulas dos alunos com dEficiência.

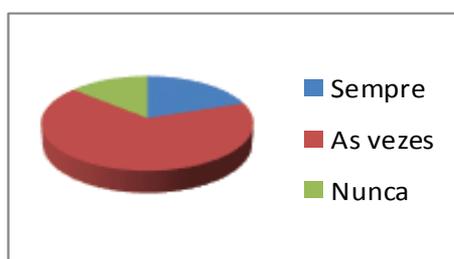


Figura 4- Chama o aluno com dEficiência quando está sozinho
Fonte: elaboração própria

A figura 4 mostra que, 13 alunos chamam os alunos com dEficiência para participar das atividades, quando os mesmos se encontram sozinhos. Embora, 44 alunos relataram que somente às vezes fizeram este tipo de ação, e nove alunos disseram que nunca os chamaram para participar de nada junto a eles. Como devem se sentir os alunos com dEficiência ao perceberem que apenas um pequeno grupo de alunos os chama para participar das atividades. A inclusão social desses alunos através deste dado tem fortes indícios de estar sendo quase inexistentes.

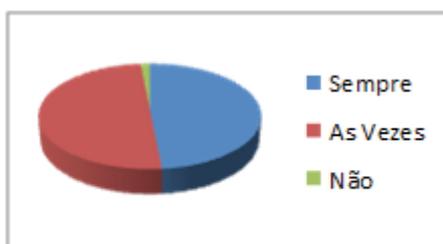


Figura 5- Conversam com o aluno com dEficiência espontaneamente
Fonte: elaboração própria

Na figura 5 relata que, um total de 32 alunos conversa sempre com os alunos deficientes, 33 conversam somente às vezes e um aluno nunca conversou com alguns desses alunos com deficiência. Esta pergunta foi elaborada com a intenção de verificar de uma forma bem específica, ou seja, o diálogo, o relacionamento dos alunos com deficiência com seus pares. Muito interessante foi observar e perceber por meio dos dados, que, todos os alunos se relacionam muito bem com seus demais, demonstrando que o ambiente escolar por si só, pode ser propício para buscar a inclusão social de alunos com deficiência.

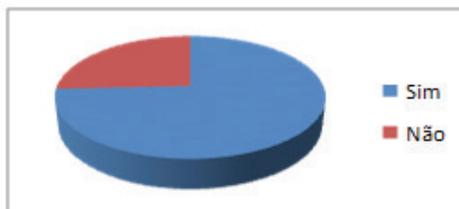


Figura 6- Gosta que o aluno com deficiência esteja no seu time

Fonte: elaboração própria

A figura 6 demonstra que, 49 alunos gostam que o aluno deficiente esteja no seu time nas atividades coletivas e 17 alunos não tem a mesma vontade. Por meio deste dado, pode-se perceber que as atividades físicas podem ser uma grande ferramenta para buscar a inclusão social dos alunos com algum tipo de deficiência. Muito provavelmente as atividades realizadas durante as aulas de educação física destas classes, estão sendo mais voltada a cooperação, e menos instigado os aspectos competitivos. Esta figura 6 vislumbra o maior índice de aceitação em relação a quaisquer ações voltadas a inclusão verificada neste estudo. Mostrando um índice muito positivo de 74,2% de aceitação das diferenças. Vale salientar que, quando falamos de time, estamos salientando a ideia de um grupo, e fazer parte e ser aceito por esse grupo, com certeza é um processo de inclusão social muito importante. Todavia, ao correlacionar os dados desse provindos desse questionário com as imagens, não se percebeu que a aceitação de um aluno com deficiência para fazer parte do time seja algo muito frequente. Mas, o contexto das aulas somente foi verificado por um período de 6 aulas, sendo uma pequena amostra do ocorrido.

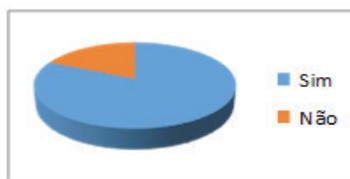


Figura 7- Pratica atividades físicas com o aluno com deficiência

Fonte: elaboração própria

A Figura 7 demonstra que 54 (81,8%) alunos praticam as atividades com os alunos deficientes e 12 alunos não praticam. Porcentagem bem significativa, pensando no relacionamento dos alunos com deficiência e seus pares, principalmente, considerando que as ações dos professores talvez tenham sido inferiores ao esperado. Portanto, percebe-se que a interação entre os alunos está ocorrendo, e a educação física, por ser um ambiente de troca, evidencia muito essas experiências com o outro.

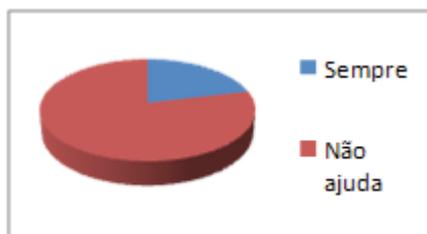


Figura 8 - Ajuda quando o aluno não consegue executar as atividades
Fonte: elaboração própria

O oposto do mencionado na figura 7 pode ser percebido junto à figura 8, quando se verificou que somente 14 (21,2%) alunos ajudam os colegas com deficiência a executar as atividades, sendo que 52 (78,8%) alunos não ajudam os alunos com deficiência quando percebem alguma dificuldade. Este fato pode se explicar, pelo receio de estar fazendo algo que possa prejudicar o colega, sendo que, com o auxílio do professor esse anseio poderia ser muitas vezes sanado. A deficiência intelectual (Síndrome de Down) teve mais ações inclusas e de desempenho social, em comparação às outras deficiências presentes no estudo. Por meio das imagens providas das filmagens e observações de cada deficiência notou-se que o aluno DI frequenta muito mais as aulas de Educação Física, confirmando os dados junto ao questionário e evidenciado junto as figuras. O relacionamento social com os demais alunos é muito bom, notando-se que mais da metade dos alunos gostam de brincar com o DI, mantendo-se assim o mesmo resultado para o aluno DV e para o aluno DA. No entanto, com o aluno DF mais da metade dos alunos não interagem com o aluno que apresenta deficiência física nas horas livres, mostrando um entrosamento social um pouco comprometido. Vale salientar, que na sala do aluno com DI, teve grande influência de ações inclusivas providas do professor, tendo este sempre buscado incluir o aluno nas atividades de Ed. Física. Muitas vezes os dados encontrados nas observações e filmagens se confrontam com as respostas dos alunos, deixando em dúvida as ações do professor. Entretanto, na sala do aluno com DF, a maioria dos alunos relatou que, somente às vezes o professor promoveu ações de inclusão nas aulas. Portanto, fica em evidência junto a esse estudo que o aluno com DI, recebeu mais ações de inclusão social provenientes dos seus pares e do professor durante as aulas de educação física, e a situação mais precária foi encontrada para o aluno com DF.

4 Conclusão

Pode-se concluir que o processo de inclusão e o desempenho social dos alunos com deficiência junto às aulas de educação física, mostraram-se diferente para cada tipo de deficiência. Entretanto, de um modo geral pode-se perceber poucas atividades inclusivas dentro do contexto pedagógico das aulas de educação física, sendo muito diferente a iniciativa de cada professor. Porém, as ações de desempenho e relação social durante as aulas de educação físicas, inclusive providas voluntariamente e irrestritamente pelos colegas dos alunos com deficiência se mostraram presentes em diversos momentos, evidenciando a riqueza do ambiente das aulas de educação física para auxiliar no processo verdadeiro de buscar a inclusão, não somente a inclusão social, mas, igualmente inclusão educacional.

Referências

- CRAFT, D.; LIEBERMAN, L. Deficiência Visual e Surdez. In: WINNICK, J.P. *Educação física e esportes adaptados*. 3. ed. Barueri: Manole, 2003. p.181-205.
- MAUERBERG-deCASTRO, E. *Atividade física adaptada*. Ribeirão Preto: Tecmedd, 2005.
- MOTTA, G. A.; BARBOSA, G. S.; BRANCATTI, P. R. *Revista da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada*. 2003. Disponível em: <<http://www.sobama.com.br>>. Acesso em: 12 set.2011.
- RIBEIRO, S. M. *O esporte adaptado e a inclusão de alunos com deficiência nas aulas de educação física*. 2009. Disponível em: <<http://www.unimep.br/phpg/bibdig>>. Acesso em: 19 set. 2011.
- SASSAKI, R. K. *Inclusão: Construindo uma sociedade para todos*. Rio de Janeiro: WVA, 2006.
- SHERRIL, C. *Adapted physical activity, recreation, and sport: Cross disciplinary and lifespan*. New York: McGraw-Hill Companies, 1998.
- SKLIAR, C. *Educação e exclusão: Abordagens Sócio antropológicas em Educação Especial*. Porto alegre: Mediação, 1997.
- TESSARO, N. S. *Inclusão escolar: concepções de professores e alunos da Educação regulamentar e Especial*. 1.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
- WINNICK, J.P. *Educação física e esportes adaptados*. 3. ed. Barueri: Manole, 2003.

Notas sobre os autores

Gabriela Gallucci Toloi
Centro Universitário de Adamantina – São Paulo
gtoloi@hotmail.com

Alan William de Souza
Centro Universitário de Adamantina – São Paulo
Alan.ocz@hotmail.com

Thiago Henrique Ferreira De Souza
Centro Universitário de Adamantina – São Paulo
Thiagohenriquesp@hotmail.com

Recebido em: 11/12/2017
Reformulado em: 11/02/2018
Aprovado em: 11/02/2018